

Não estamos sós

CIRO GOMES*

CAMBRIDGE, EUA — Tenho me impressionado muito ultimamente, em seminários sobre política econômica na América Latina, com a "coincidência" da matriz conceitual que se tem procurado praticar em quase todos os países da região. De fato, olhando de fora chama a atenção de forma algo constrangedora que o mapa das reformas econômicas praticado em estágios diversos de consolidação obedece praticamente a uma receita comum concertada conceitualmente por aqui, nas universidades norte-americanas. Este itinerário de reformas entre os acadêmicos é chamado meio despidoradamente de "consenso de Washington".

Percorrer a trajetória escolhida pelo Chile — atual referência de êxito depois que o México explodiu —, conhecer mais de perto a experiência argentina, rever o itinerário frustrante da caminhada venezuelana, conversar com o prof. Jefrei Sachs sobre sua assessoria à Bolívia, à Polônia ou à Rússia ou escolher entre as dezenas de convites para participar da busca angustiante e, para mim meio engraçada, de compreender por que o plano do México não funcionou tem sido, além de um aprendizado muito importante, a oportunidade de avaliar melhor o tamanho da influência de linhas conceituais consolidadas internacionalmente sobre as realidades locais sem que isto seja, digamos assim, pactuado explicitamente com os nacionais.

O Brasil vinha sendo visto meio como o mal exemplo da "turma", pois teima em perseguir itinerário próprio, embora agora, com o Plano Real, as perspectivas tenham mudado um pouco. Passaram de uma censura debochada para uma esperança meio descrente. Embora no enunciado a estratégia de estabilização em nosso país não se tenha ainda traduzido explicitamente num modelo pertinente à onda regional, a percepção entre os mais autônomos é a de que este "atraso" do Brasil em aderir talvez nos permita incorporar lições extraídas da prática frustrada de outros povos da região. Para uns trata-se de promover adaptações de gestão e em detalhes da formulação. Para outros, embora minoria, já se admite questionar o modelo mesmo em si.

Em nenhum caso, evidentemente se cogita de que seja possível manter ou voltar a economias nacionais autárquicas, baseadas em estados deficitários completamente apropriados por corporações ou interesses particulares, sustentados pelo crédito internacional, e com bases econômicas orientadas para a exportação. Quem teimar em não perceber o fim definitivo deste modelo está se condenando à morte numa realidade mundial de sofisticação tecnológica, de mercados globais, de economia pós-industrial.



Este é o desafio instigante sobre o qual tenho me debruçado sistematicamente. O Brasil, pelo seu tamanho e complexidade, pela existência de uma política e de políticos nacionais com visão e poder próprios, pode construir um caminho próprio? Não falo, evidentemente de reinventar a roda, muito menos de seguirmos atentando contra o óbvio, mas falo que depois de limparmos a área da baderna absurda e da ladroeira chocante, para onde devemos conduzir nosso país não deve ser certamente uma rendição passiva a modelos pré-prontos e que, a despeito da simplicidade de algumas economias

nacionais despreziosas por definição, nem mesmo lá funcionaram.

É absolutamente certo de que não estamos sós. A percepção dos investidores estrangeiros tem melhorado com a qualidade das informações e com sua instantaneidade, mas ainda é o "preconceito" que domina a decisão de investir. E, pior de tudo, a volatilidade destes capitais financeiros internacionais está atingindo as raias da jogatina mais perigosa e ruinosa. Nenhum modelo, portanto, que dele dependa conceitualmente pode prestar, digo categoricamente!

Recebi um convite para participar de um time de cidadãos latino-americanos que estão sendo recrutados pelo UNDP, programa da ONU para avaliar a execução de projetos na América Latina e Caribe. Recebi alguns relatórios para ler enquanto me preparo para eventualmente aceitar este trabalho. Alguns números são eloquentes a nos ensinar a modéstia de que definitivamente não estamos sós e de que somos vítima comum a fenômenos de degradação econômica: entre 1980 e 1990 a renda *per capita* da América Latina caiu 10% e o resultado é que dos 450 milhões de habitantes da região 270 milhões vivem na pobreza.

Em 1950, a região, segue dizendo o relatório, representava 11% do comércio mundial, hoje esta participação é inferior a cinco por cento. Agora, repare bem este número: desde 1980, a região remeteu para outras áreas do planeta duzentos bilhões de dólares, apesar desta sangria enorme, estima-se que a dívida da região situe-se hoje em cerca de 400 bilhões de dólares. "É muita grana, barão", diria meu filho Yuri na alegria de seus seis anos, mal sabendo que já nasceu devendo esta exorbitância mas que precisa ter esperança de que este itinerário não vai continuar assim.

Números como estes e outros são certamente um contexto comum a unir todos os países da região. A natureza comum dos problemas e de suas seqüelas, entretanto, não pode desprezar as especificidades nacionais para o bem e para o mal. Neste sentido a realidade brasileira é meio única e, por isto, se nos conceitos básicos podemos tecer estratégias regionais em comum, no andamento das coisas o caminho brasileiro pode ter e, pode, ser diferente. O sistema político brasileiro pode ter e tem muitos defeitos, mas nada tem a ver com o ridículo e trágico comportamento do PRI mexicano. As afinidades todas com a Argentina que aprendi a admirar na consolidação do Mercosul não fazem parecida nem de longe a sofisticada base industrial brasileira com o esforço de refazer a indústria naquele grande país.

O Brasil, penso, pode e deve ousar na construção de novas estradas. Isto não significa que devemos repudiar a experiência intelectual ou as parcerias de quantos na humanidade estejam produzindo conceitos ou possam associar seus interesses aos nossos, mas é cada vez mais inimaginável para mim que nós sigamos no pior dos mundos que é o presente: não aderimos de vez ao repositório da moda que, se é como sabemos, defeituoso, tem alguns méritos — e nem ousamos criar estruturalmente novos caminhos.

* Ex-ministro da Fazenda e ex-governador do Ceará